

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: PONDERAÇÕES ACERCA DO INDIVÍDUO E DA SOCIEDADE

Kessya Steicy Batista Silva¹

RESUMO

A literatura tem a fascinante capacidade de criar situações extremas para forçar o leitor a ponderar sobre a realidade que o cerca. Mais do que entreter, há na literatura uma vocação para provocar a reflexão do leitor. Diante disso, o presente trabalho busca analisar a obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995), do escritor português José Saramago. A escolha do autor justifica-se pelo fato dela retratar a condição do ser humano sob uma ótica de uma sociedade autoritária, em que a opinião, posição e a vergonha do outro já não interessa mais. Os valores e costumes mudaram, o indivíduo agora é outro, e tudo isso precisa ser assimilado para que uma nova sociedade possa surgir. Para isso, esse trabalho analisa a obra sobre duas perspectivas: o papel do indivíduo na nova condição surgida e a sua relação com o “outro”, à luz do conceito de dialogismo proposta por Bakhtin; e as críticas que o autor faz à sociedade atual, questionando os valores por ela priorizados e os que passam a ser priorizados a partir da formação da nova sociedade. A análise fundamentou-se nas teorias de m. Bakhtin (1988), Fiorin (2017), Conrado (2006 e 2011) e de Kunz, Conte e Botton (2013), Candido (2010), (1989) e entre outros. Como conclusão, percebe-se que a narrativa faz o autor e leitor refletirem sobre a sua relação com o outro e ponderar sobre os rumos da sociedade atual e dos valores sociais que são por ela estimados.

Palavras-chave: Literatura, José Saramago, Sociedade.

1 Mestranda em Letras: Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará - UFC, kessya.steicy7@hotmail.com;

INTRODUÇÃO

A literatura tem diversos papéis, entre eles, há uma fascinante capacidade de criar situações extremas para forçar o leitor a refletir sobre a realidade que o cerca. Porém a literatura é mais que entretenimento, há uma vocação para provocar a reflexão do leitor. E, nesse ponto, José Saramago é um autor que sabe usar deste artifício com maestria.

Em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), Saramago cria uma situação aparentemente absurda: de repente, todas as pessoas ficam cegas - uma cegueira branca que mergulha a sociedade no caos. Contudo, uma única personagem continua a enxergar normalmente, e com isso passa a acompanhar a degradação moral e a desconstrução da sociedade que ela conhecia e até dela mesmo como indivíduo.

Desse modo, a escolha da obra justifica-se pelo fato dela retratar a condição do ser humano sob uma ótica de uma sociedade autoritária, em que a opinião, posição e a vergonha do outro já não interessa mais. Os valores e costumes mudaram, o indivíduo agora é outro, e tudo isso precisa ser assimilado para que uma nova sociedade possa surgir.

De início, serão feitas considerações sobre o autor, seu estilo literário e as obras que produziu. Em seguida, será apresentado um resumo da obra e, após, serão apresentadas as análises, realizadas sob dois aspectos: o indivíduo e a sociedade.

Como fundamentação teórica, foram utilizados os escritos de Fiorin (2017) e de Kunz, Conte e Botton (2013) acerca das teorias sobre dialogismo propostas por M. Bakhtin, além de ponderações feitas por Candido (2010), (1989) e Lukács (2000) sobre a ótica de Conrado (2011).

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de ordem bibliográfica, e tem como objeto de estudo analisar o indivíduo dentro de condição imposta e a sua relação com o “outro”, à luz do conceito de dialogismo proposta por Bakhtin; além das críticas de José Saramago à sociedade atual questionando os valores por ela priorizados e os que passam a ser priorizados a partir da formação da nova sociedade

Analisaremos a obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995) sobre o viés do contexto-histórico-social e da relação com o “outro”, à luz do conceito de dialogismo proposta por Bakhtin. Em seguida, iremos, ao final da pesquisa,

verificar como os indivíduos se comportam a partir de uma situação surgida, em que a mudança e adaptação são cruciais para a sobrevivência.

CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS

José Saramago era um crítico afiado e descrevia minuciosamente os personagens e a sociedade apresentados em suas obras. O autor era comunista declarado, e isso é evidenciado em seus escritos através das fortes críticas ao capitalismo.

Uma das características presentes em suas narrativas - e que é bastante peculiar - é a pontuação, usada pelo autor de uma maneira singular e nada convencional. Podemos citar, por exemplo, o ponto final, que é usado muito pouco e, como consequência, gera períodos demasiadamente longos:

A palavra Atenção foi pronunciada três vezes, depois a voz começou, O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energeticamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, quando parece verificar-se algo de semelhante a um surto epidémico de cegueira. provisoriamente designado por mal-branco, e desejaria poder contar com o civismo e a colaboração de todos os cidadãos para estancar a propagação do contágio, supondo que de um contágio se trata, supondo que não estaremos apenas perante uma série coincidência por enquanto inexplicáveis. (SARAMAGO, 1995, p. 49-50)

Os diálogos são um ponto bastante presente nas obras de Saramago, porém esses são apresentados de formas bem diferentes do tradicional que conhecemos. Ao invés de usar travessões e aspas, os diálogos são marcados pela completa omissão dessas pontuações, mesclando a fala do personagem com a do narrador, o que acaba confundindo os novos leitores, que muitas vezes pensam se tratar de uma auto reflexão:

As mulheres ficaram à porta, diz-se que aguentam melhor, mas tudo tem os seus limites, daí a momentos a mulher do médico sugeriu, Talvez haja outras retretes, porém a rapariga dos óculos escuros disse, Por mim, posso esperar, E eu também, disse a outra, depois houve um silêncio, depois começaram a falar, Como foi que cegou, Como todos, deixei de ver de repente, Estava em casa, Não, Então foi quando saiu do consultório do meu marido, Mais ou menos, Que quer dizer mais ou menos, Que não

foi logo logo a seguir, Sentiu alguma dor, Dor não senti, quando abri os olhos estava cega, Eu não, Não quê, Não tinha os olhos fechados, ceguei no momento em que o meu marido entrou na ambulância, Teve sorte, Quem, O seu marido, assim poderão estar juntos, Nesse caso também eu tive sorte, Pois teve, E a senhora, é casada, Não, não sou, e a partir de agora acho que já ninguém se casará mais, Mas esta cegueira tão anormal, tão fora do que a ciência conhece, que não poderá durar sempre, E se fôssemos ficar assim para o resto da vida, Nós, Toda a gente, Seria horrível, um mundo todo de cegos, Não quero nem imaginar. (SARAMAGO, 1995, p. 59-60)

Esses desvios propositais vão além de recursos estilísticos, eles representam o externo, ou seja, o social. Conforme as ideias de Candido (2010, p. 42) “Tanto quanto os valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma, e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio”. Tais métodos estilísticos são um reflexo do social, a falta de pontuação representa o imediatismo da sociedade contemporânea descrita por Saramago, a rapidez do meio em se comunicar e agir.

José Saramago é um autor brilhante, com um estilo próprio de escrita e que está sempre preocupado em fazer refletir a partir de suas obras. Com uma percepção aguçada da realidade, consegue criar narrativas com diferenciais que nos fazem refletir sobre o nosso papel na sociedade e no que estamos fazendo para tornar o ambiente em que se vive melhor ou pior.

RESUMO DA OBRA

Na história, os acontecimentos iniciam em um dia normal, quando um homem de repente fica cego sem qualquer motivo aparente. E é uma cegueira diferente, branca como leite, como se a pessoa dela acometida não ficasse submersa nas trevas, mas sim na luz. Desesperado, o primeiro cego vai, em companhia da esposa, buscar ajuda de um médico. No consultório, o médico não encontra nada de anormal, acusa ter sido a cegueira desencadeada pelo stress e receita algo paliativo. Na sala de espera, estão alguns personagens que, no decorrer da narrativa, serão apresentados ao leitor: o velho da venda preta, o rapazinho estrábico, a rapariga dos óculos escuros.

É interessante ressaltar a forma como Saramago apresenta ao leitor os personagens. Todos sem nome, são identificados apenas pelas suas relações ou características físicas: o médico, a mulher do médico, o ladrão... Trata-se de um interessante recurso utilizado pelo autor e que se relaciona com a obra - afinal, os cegos não necessariamente identificam as pessoas pela voz.

Um a um, todos aqueles que tiveram contato com o primeiro cego vão cegando também. Diante da possível epidemia, o governo decide trancar todos os cegos e os que tiveram contato com estes em um manicômio desativado. O médico, que a esta altura já estava cego, é levado a força para junto dos outros enfermos, ocasião em que a mulher vai junto com ele, afirmando estar cega também.

Chegando ao Manicômio, o médico descobre que a sua mulher não cegara. Ela é a única que continua a enxergar tudo normalmente, mas se finge de cega para ficar ao lado do marido. Logo após a chegada deles, os outros cegos com os quais o leitor já teve contato começam a chegar. Todos ficam na mesma ala, e as desavenças começam: o primeiro cego confronta o ladrão, que levou seu carro; o ladrão, por sua vez, tenta abusar da rapariga de óculos, que se defende com um golpe que o deixa ferido.

Os cegos, trancados no Manicômio, se veem abandonados pelas autoridades. A partir daí, novas regras se estabelecem naquela "sociedade" de cegos que surge: o grupo dominante passa a estabelecer regras às quais todos devem obedecer; controlam a comida, e passam a exigir dos grupos fracos joias e pertences em troca de alimento.

Em uma das intrigas entre os cegos, o Manicômio pega fogo. O grupo formado pelo médico e sua esposa, o primeiro cego e sua esposa, a moça dos óculos escuros, o rapazinho estrábico e o velho da venda conseguem escapar do lugar. Guiados pela mulher do médico, vagam pela cidade em busca de abrigo e de comida. Decidem visitar a casa de cada um deles, e a tristeza e o abandono com que se deparam os fazem perceber que nada mais será como antes.

Através dos olhos da mulher do médico, podemos ver o caos em que o mundo se transformou. Lojas saqueadas, casas invadidas, sujeira por todo o lado, pilhas de corpos depositadas nos lugares mais abjetos. A sociedade sucumbiu, e, talvez, não venha a existir mais como foi um dia, afinal, todos estão cegos.

O grupo se estabeleceu na casa do médico, e lá decidiram ir levando a vida. A vida foi seguindo, e eles foram aprendendo a viver naquela

condição. Mas, de repente, quando tudo parecia ter se acertado de alguma forma, o primeiro cego grita, de susto, afirmando que está cego - de repente fica tudo escuro, para em seguida voltar a ver. E, um a um, todos passaram a afirmar que conseguiam enxergar. A cegueira tinha passado, e foi embora de forma tão súbita como chegou. Porém, para a mulher do médico, eles nunca teriam deixado de ver - apenas não enxergavam de verdade.

A PERDA DE RECONHECIMENTO DO “OUTRO” É A PERDA DE RECONHECIMENTO DE SI PRÓPRIO

Para M. Bakhtin (1988 *apud* KUNZ, CONTE e BOTTON, 2013), o signo não possui apenas uma realidade, mas, ao contrário, reflete as realidades que o circundam. Seguindo este raciocínio, o texto literário também pode ter o papel de refletir a realidade que o cerca através da história que conta, cabendo ao receptor - o leitor - o papel de reconstruir os sentidos possíveis a partir da leitura do texto. Percebe-se, assim, o caráter dialógico que possui o texto.

Analisando a narrativa ora apresentada, é possível perceber que *Ensaio sobre a Cegueira* aborda criticamente as relações sociais, e, em especial, o papel de um determinado indivíduo naquela sociedade.

O caos se instala à medida que as personagens vão perdendo a identidade social e, avançando em sua degradação moral, passam a perder também a sua identidade pessoal. Como já ressaltado anteriormente, os nomes das personagens, para a narrativa, não são importantes, já que deixam de importar também para os próprios personagens.

Antes dos acontecimentos narrados, a sociedade em que viviam as personagens era talvez como a que conhecemos hoje - predominantemente individualista, em que o indivíduo está voltado mais para si e esquece o outro. A partir disso, a cegueira branca surge, ao que parece, para forçar as personagens a enxergar para muito além de si, gerando o paradoxo em torno do qual gira a narrativa: subitamente cegos, todos estão forçados a lidar com o “outro” e com o mundo à sua volta.

Para Bakhtin, o “outro” é essencial para o desenvolvimento do indivíduo. Afinal, o ser humano fala sempre para um “outro”, ainda que não identificado, já que não é possível falar apenas para si. Nesse sentido, explica Fiorin (2017): “O princípio geral do agir é que o sujeito atua em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso

significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação. [...]"

Na obra, a mulher do médico é a única que não perde a visão. Ela continua enxergando normalmente, e por isso é mais sensível à situação, já que consegue ver todos os horrores que acontecem a sua volta. Todos os outros personagens, por estarem cegos, acabam por se identificar uns com os outros de alguma forma, pois estão todos na mesma situação. Porém, a mulher do médico não consegue essa identificação, pois ela vê, mas não é vista.

Para Kunz, Conte e Botton (2013), o indivíduo possui uma dependência para com o outro que é o elemento caracterizador da relação entre as pessoas. Porém, é uma dependência que acontece sem a necessidade de subsistência, mas que acaba por transformar o indivíduo de alguma forma. Desse modo, o indivíduo acaba por ser transformado pelo outro:

Cada "eu" possui sua identidade distinta; no momento das relações, das interações interpessoais, há a percepção de que o "Outro", diferente do "eu", também possui sua individualidade e sua essência, que é diferente, mas que se torna semelhante, quando relacionado a um ser humano, levando em consideração o conceito de "pessoa." (KUNZ, CONTE E BOTTON, 2013)

Assim, essa falta de conexão deixa claro como é importante, para o indivíduo, essa relação com o "outro". A mulher do médico vê a todos, os enxerga, mas não é enxergada de volta - e isso acaba por afetar a sua própria existência, afinal, se ninguém a vê, como saberão que ela está ali, se precisa de algo? Sem ninguém para receber esta interação, ela acaba por se sentir cega também.

O drama da mulher do médico é, portanto, o mais singular. Durante toda a narrativa, percebe-se que ela está sempre disposta a ajudar os outros, e muitas vezes o faz, mas nunca recebe a resposta visual de ninguém. E essa falta de retorno acaba por angustiá-la, pois ela precisa do retorno do outro para que a sua existência tenha sentido:

As imagens não vêm, Engano teu, as imagens vêm com os olhos que as vêem, só agora a cegueira é para todos, Tu continuas a ver, Cada vez irei vendo menos, mesmo que não perca a vista tornar-me-ei mais e mais cega cada dia porque não terei quem me veja [...] (SARAMAGO, 1995)

Constata-se, também, uma crítica do autor ao individualismo exagerado, tão cultuado na sociedade atual. A situação extrema vivida pelos

personagens desperta no leitor a reflexão de que não é possível a existência do indivíduo sem a presença do “outro”, pois é esse “outro” que irá refletir quem somos.

O reconhecimento que a mulher do médico tanto buscou ao seu redor ela finalmente encontrou na figura de um cão, que a acaricia e a reconhece como um alguém. Na ocasião, a personagem está vagando pelas ruas em busca de comida, e se assusta com a destruição e imundície à sua volta - destruição esta que não é somente espacial, mas simboliza também a destruição daquela sociedade que ela conhecia até então. O cão, então, demonstra por ela um afeto involuntário, e ela é então reconhecida pelo “outro” pela primeira vez desde a hecatombe branca:

Deu uma volta, deu outra, já não reconhece nem as ruas nem os nomes delas, então, desesperada, deixou-se cair no chão sujíssimo, empapado de lama negra, e, vazia de forças, de todas as forças, desatou a chorar. Os cães rodearam-na, farejam os sacos, mas sem convicção, como se já lhes tivesse passado a hora de comer, um deles lambe-lhe a cara, talvez desde pequeno tenha sido habituado a enxugar prantos. A mulher toca-lhe na cabeça, passa-lhe a mão pelo lombo encharcado, e o resto das lágrimas chora-as abraçada a ele. Quando enfm levantou os olhos, mil vezes louvado seja o deus das encruzilhadas (SARAMAGO, 1995).

Percebe-se, assim, que o egoísmo é um ponto central discutido na narrativa: quando o “eu” é mais importante do que o “outro”, é preciso cegar para perceber a necessidade que o indivíduo tem de ir além de si próprio e perceber que o “outro” é fundamental para a construção do indivíduo.

A CEGUEIRA COLETIVA QUE REFLETE A SOCIEDADE

Os romances de Saramago apresentam uma incessante preocupação com os conflitos humanos, sendo eles externos ou internos, e propõem uma reflexão sobre a condição humana na sociedade. Essa temática o acompanha desde os primeiros escritos até as suas últimas obras, perpassando outros gêneros além de romances, como em poemas e crônicas.

É importante analisar uma obra literária apontando relações com o contexto sociocultural da produção escrita e leitora da obra; porém, Conrado (2011) afirma que essa etapa não deve ser exclusiva, pois o

elemento social na obra é um fator importante, uma vez que influencia a estrutura e a narrativa da obra.

Enquanto a forma do romance, de acordo com Lukács (1999, *apud* CONRADO, 2011), aponta que esse gênero é como um representante das contradições do mundo e do homem burguês e que ele precisa apresentar enfaticamente situações das lutas de classes e não apenas ilustrar, apresentar os aspectos típicos da sociedade e da ação humana. Tendo assim uma relação direta com os escritos de Saramago, principalmente com o *Ensaio sobre a Cegueira*, pois o trabalho com as personagens e suas atitudes demonstram os valores da sociedade contemporânea.

Ensaio sobre a Cegueira é uma obra que se apresenta como “ensaios”, ou seja, um texto literário que vai expor críticas e reflexões, de cunho ponderativo, avaliativo e comprobatório. Para Cerdeira (2000, *apud* CONRADO, 2011), a obra é, na verdade, um ensaio sobre a visão, pois é uma tentativa de descobrir sobre o outro e as relações humanas.

Saramago através de uma escrita crítica e marcante, não somente mostra suas reflexões acerca da sociedade em que vive, mas como esse olhar individual fala do universal, da relação com o todo, para Adorno:

[...] o mergulho no individuado eleva o poema lírico ao universal, por tornar manifesto algo distorcido, de não captado, de ainda não subsumido, anunciando desse modo, por antecipação, algo de um estado que nenhum universal ruim, ou seja, no fundo algo particular, acorrente o outro, o universal humano. A composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal. (ADORNO, 2003, p.66)

O autor não expõe somente sua visão, mas quando mergulha no social, o leitor consegue compreender suas ideias. *Ensaio sobre a Cegueira* é uma obra tão distinta e profunda que ao ler não tem como se perceber nas personagens. Dessa forma, Saramago narra não somente histórias de determinados personagens, ele conta sobre o coletivo, de todas as pessoas da sociedade.

Valores socioculturais, ressalte-se, permitem refletir sobre a construção do ser humano em sociedade, e o livro faz o leitor refletir sobre estes valores no momento que os subverte. Alguns desses valores são destacados por Conrado (2011): individualismo, moralidade, estrutura familiar, apego aos bens materiais, religiosidade, crença, justiça, patriotismo, tradição, solidariedade, vergonha, pudor, orgulho, egoísmo, autoridade,

tiraniam, hipocrisia, medo, amor, violênciam, repressãom, ambiçãom, corrupçãom, poder.

Na obra ora analisada, forma-se uma nova estrutura social, regida de forma distinta do que era comumente conhecido, por conta da epidemia de cegueira branca que acomete a todos. Como consequênciam, os valores sociais sãom mudados por conta das açõem e dos discursos das personagens, o que acaba denunciando o comodismo e a adaptaçãom humana ao seu meio.

Assim, a narrativa passa a impressãom de que os valores, pensamentos e açõem dos indivíduos sãom condicionados socialmente, e que dependem da estrutura sociocultural do meio em que eles estãom inseridos. Podemos citar, por exemplo, a cena em que a protagonista pede para que todos do grupo se dispam para trocar suas roupas que estavam imundas, porém o 'primeiro cego' nãom quer se despirm por sentir vergonha das outras pessoas: "Despirm-nos, perguntou o primeiro cego, aqui, uns diante dos outros, nãom acho bem" (SARAMAGO, 1995, p. 258). Trata-se de um fato interessante pois, como todos estavam cegos, ele nãom tinha motivo para sentir tal sentimento, porém sente, já que ainda estava ligado aos antigos valores socioculturais.

A ideia de vergonha presente no livro é relacionada a uma visãom de julgamento que se tinha numa sociedade anterior daquela da cegueira branca, no século XX. Quando as pessoas eram capazes de enxergar, elas julgavam o próximo, esse era o meio utilizado para presumir algo a respeito do outro. Porém, com o passar do tempo e acostumados com a nova condiçãom, esses valores socioculturais vãom mudando. Assim, os cegos já nãom davam importânciam para o que o outro achava, como na cena em que as pessoas que estavam no manicômio, faziam suas necessidades onde estivessem: "Os descuidados ou urgidos pensavam, Nãom têm importânciam, ninguém me vê" (SARAMAGO, 1995, p. 134).

Observa-se, neste trecho, que Saramago critica a hipocrisia de certos comportamentos dos indivíduos em sociedade. A mudançom dos valores socioculturais, como pudor, moralidade, orgulho e egoísmo, leva uma reflexãom a respeito a formaçãom do ser humano no meio em que ele vive e também levanta questõem acerca do grau de importânciam do ser humano com o próximo. Tal reflexãom nos lembra o pensamento de Rousseau: "O homem é bom por natureza. É a sociedade que o corrompe".

Com a cegueira branca, podemos perceber a crítica a outro valor sociocultural antigo, o apego aos bens materiais, pensamento urbano e capitalista do século XX. Em uma sociedade onde todos estavam cegos e

não conhecem seus bens materiais, tal ato era desnecessário, como ironiza o narrador: “basta que recordemos [...] dos casais divididos e dos filhos perdidos, [...] dos que andam à procura dos seus queridos bens e não o encontram” (SARAMAGO, 1995, p. 118).

O sentimento de posse em um mundo caótico em *Ensaio sobre a cegueira* revela como alguns pontos da sociedade contemporânea são instáveis, permitindo ao leitor refletir sobre a ideia de posse, os sentimentos humanos e tudo que estiver ligado a ele.

É possível perceber essa ideia sendo alterada no decorrer da narrativa. O sentimento de posse por bens materiais, como residências, vai se modificando, e os valores que tinham antes já não tem mais, o mais importante para eles naquele momento era a busca por alimento e abrigo, ou seja, a busca pela sobrevivência: “não tardámos a perceber que nós, os cegos, por assim dizer, não temos praticamente nada a que possamos chamar nosso, a não ser o que levamos no corpo” (SARAMAGO, 1995, p. 216).

Outra questão referente à sociedade anterior e que já não era mais tão relevante na sociedade dos cegos era a religiosidade - tema que é bastante presente nas obras de Saramago. Antes da cegueira branca, tinha-se o costume de enterrar pessoas em caixões, a sete palmos do chão, em cemitérios. Porém, na nova sociedade que se estabelece, o morto era enterrado em um buraco raso, pois os cegos não tinham forças para cavar e era no próprio manicômio, não havia cerimônias e nenhuma representação religiosa: “Não houve orações. Podia-se pôr-lhe uma cruz, [...] leve-se em considerações que fazer uma cruz é muito menos fácil do que parece, sem falar do tempo que ela se iria agüentar” (SARAMAGO, 1995, p. 86).

A crítica que podemos retirar desse assunto representado no livro é que, na sociedade anterior os seres humanos recorriam a igreja quando sentiam que tinha cometido algum pecado aos olhos dos outros e nesse momento a igreja servia para julgar e perdoar. Na sociedade dos cegos, isso foi descartado, pois eles começaram a agir sem medo, já que não precisavam ser julgados e nem perdoados porque os outros não viam suas ações.

Para Lukács (1999 *apud* CONRADO, 2011) o romance é a forma que traduz de forma mais precisa os outros gêneros e as contradições da sociedade. Nesse sentido, de acordo com Candido (2000 *apud* CONRADO, 1999), não é possível desvincular o autor de sua obra, pois os textos de Saramago há presença de posicionamentos ideológicos, como

a crítica ao capitalismo, e a discussão acerca de valores importantes, por meio de críticas sociológicas relacionadas com os temas do texto.

Percebe-se, portanto, que o autor busca questionar os valores sociais ressaltados em nossa sociedade atual, expondo a questão em uma situação extrema, com o intuito de compreender o indivíduo social. Ao final, o leitor passa a perceber que a sociedade como ele conhece pode estar acometida da mesma cegueira dos personagens, e esse seria o primeiro passo para voltar a enxergar os valores que são importantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensaio sobre a cegueira é uma obra que faz o leitor refletir das mais diversas maneiras e sobre os mais diversos pontos. Seja pelo estilo escolhido pelo autor - sem pontos ou pausas, fazendo com que a leitura se torne rápida e, assim, sufocante e angustiante -, seja pelo tema tratado na narrativa, é impossível não se deixar tocar pelas reflexões que o autor faz nesta obra. Não há como desvincular o social da obra, essa produzida nesse meio recebe influências desse, o que era externo passa ser interno, como afirma Candido (2010, p. 14) “[...] Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”.

A obra faz ponderar, assim, sobre a posição do indivíduo na sociedade, enquanto passa a questionar a estrutura desta mesma sociedade. Percebemos que é preciso uma tragédia inimaginável - a cegueira coletiva - para que possamos despir o indivíduo de todos os seus valores sociais e, assim, forçá-lo a se reconhecer e a estabelecer para si novos valores, a partir da nova sociedade que vem a se formar.

Saramago brilhantemente através dessa obra faz o leitor refletir sobre a sociedade, não somente do livro, mas como ela se parece com a sociedade do leitor. Essa ligação entre literatura e o social é tão intrínseca que permite uma aproximação do leitor com a obra, tornando essa uma substância do ato criador. (CANDIDO, 1989)

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CONRADO, Iris Solene. Valores socioculturais nos romances de José Saramago: reflexões sobre literatura e sociedade. **Baleia na rede**. Marília, v. 1, n. 8, p. 130 - 144, dez. 2011. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/issue/view/153>>. Acesso em: 14 dez 2021.

CONRADO, Iris Solene. **O Ser Humano e a Sociedade em Saramago: Um Estudo Sociocultural das Obras Ensaio sobre a cegueira e Ensaio sobre a Lucidez**. 2006.

148f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Mestrado em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/isconrado.pdf>>. Acesso em: 14 dez 2021.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017. 160 p.

KUNZ, Marinês Andrea; CONTE, Daniel; BOTTON, André Natã Mello. Ensaio sobre a cegueira:alteridade na literatura e no cinema. **SocioPoética**. v. 1, n. 10, jan-jun, 2013. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/>>. Acesso em: 14 dez 2021.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.